especial para a revista

BAILADO

COCTEAU E OS BAILADOS

por C. DE PENAVENTOSA

A recente morte em Milly-le-Forêt, cerca de Paris, de Jean Cocteau, ocorrida no passado dia 11 de Outubro, impõe-nos o dever de lhe prestar o tributo de umas linhas nas colunas desta revista, pela importância de que o seu nome se reveste na história da dança contemporânea, que com devotado amor soube servir.

Jean Cocteau, como é sabido, não foi apenas o escritor, o crítico, o dramaturgo e o poeta de fama internacional, que a França nos legou. Seria também demasiado banal dizer-se apenas que desempenhou um papel da mais alta relevância na arte moderna. Diremos antes, e mais simplesmente que foi um grande artista e, como tal, a sua fina sensibilidade soude expandir-se com raro talento por vários domínios da arte e, em todos êles Cocteau foi grande, deixando à posteridade um nome e uma obra que o tornaram inolvidável nos fastos da história.

Cocteau foi, desde os mais verdes anos, um revolucionário.

O seu início está de certo modo ligado aos movimentos de "avant garde" poético-plástico-musicais de segunda década do século, em que pontificavam em Paris homens da craveira de um Milhaud, Strawinssky, Picasso e Diaghilew, com quem de perto contactou e de quem era íntimo amigo.

Além das suas raras qualidades literárias, que o imortalizaram para todo o sempre, Cocteau foi também, como é sabido, um hábil pintor e, o que particularmente nos interessa hoje focar, um grande artista de bailados, não como intérprete, evidentemente, mas como creador de famosas obras que à sua privilegiada imaginação de artista ficaram a dever eterna consagração.

A conhecida revista londrina de bailados "Dance and dancers"(1) em nota (aliás modesta) que ao grande artista dedica, diz que Jean Cocteau foi poeta, romancista, dramaturgo, realizador cinematográfico, crítico, actor,

(1) número de Novembro de 1963

pintor, caricaturista, fumador de ópio, propagandista e, além de muitas outras coisas mais, um homem de escândalos. Há por certo muito do chamado"humor britânico" nesta longa lista, mas, é perfeita e completa, com excepção feita à sua faceta que hoje mais nos importa realçar, e que é, à falta de melhor palavra, a de "balletista".

Diz-nos Raymont Cogniat em artigo publicado no "Dictionnaire du ballet moderne" de Fernand Hazan, que, se Cocteau conseguiu ser o artista suficientemente puro para crear uma onda de magia à sua volta e uma espécie de "snobismo" que trnasmitia aos seus contemporâneos uma impressão de estarem todos já ultrapassados, a verdade é que todos o seguiam em profunda espiritualidade e vencidos por essa magia e fantasia que de si irradiava.

O teatro, com todas as possibilidades que encerra para dar largas a um tal espírito, não podia pois deixar de atraír a um homem como Cocteau e, dentro do teatro, o "ballet", que se lhe apresentava particularmente maleável como instrumento de expansão da sua fértil imaginação.

O papel desempenhado por Cocteau na história da dança contemporânea é pois altamente considerável, e não apenas a julgar pelas obras que têm a sua assinatura, senão também o que se fica devendo ao seu entusiasmo pelos bailados. Bastará citar que foi pela sua mão que Picasso foi trazido para o mundo da dança.

Ao tipo padrão da cenografia clássica, até aí grandemente personificada por um Alexandre Benois ou um Léon Bakst, trouxe Cocteau, com Picasso, o sangue novo daquele espirito d'avant-garde,tão eloquentemente secundado por músicos como Strawinsky ou Satie, que abriram à história da dança, em geral, e à dos ballets de Serge Diaghilew, em particular, um período novo de verdadeira enovação.

Cocteau, com toda aquela sua sensibilidade de artista renovador que foi, não poderia deixar de ser atraído pelo génio comunicativo ~~e comunicativo~~ de Diaghilew e o seu círculo. E se Diaghilew abriu as portas do "ballet" aos espíritos artísticos mais elevados, chamando-os a encarar a nobre arte da dança a um nível de seriedade que antes de si talvez não existisse, Cocteau foi por certo um dos primeiros a dizer sim à chamada e a deixar-se fascinar pelas possibilidades que a dança oferecia à sua irrequie

ta e ansiosa imaginação efervescente.

Os começos deste convívio datam aproximadamente de 1911 quando Paris vivia o apogeu dos "balletts russes de Sèrge Diaghilew". Cocteau, a convite deste último, desenha os cartazes do "ESPECTRO E A ROSA" para Nijinsky e Karsavina. Mas era tão sòmente o começo da sua fascinação pelo bailado.

Logo no ano seguinte, 1912, Diaghilew encomenda-lhe o libreto de um bailado - "LE DIEU BLEU"- inspirado num motivo oriental, e que viria a ser a primeira das suas creações para a cena da dança. Michel Fokine encarregou-se da coreografia, sobre música de Reynaldo Hahn, emquanto que Léon Bakst, um outro grande nome da história da dança, tomava a seu cargo o guarda roupa e cenários. Karsavina e Nijinsky foram os principais intérpretes.

O grande marco, porém, - e se se pode em casos destes falar-se em datas - que viria a ter uma importÂncia decisiva na carreira de Cocteau como cenógrafo e libretista de bailados, é sem dúvida a creação de "PARADE" em 18 de Maio de 1917, no Thèatre du Chatelêt, para os "ballets russes de S.Diaghilew" .

Além de ser o primeiro bailado por si imaginado, isto é, não só com seu argumento, mas todo êle por si concebido, é o início de uma colaboração de equipe a que difìcilmente hoje em dia se pode assistir. Diaghilew,Cocteau,Erik Satie,Picasso e Massine, cada um com as suas batutas (e êste último como coreógrafo e intérprete), tal foi o grupo que, em equipe, fez esta obra, que, tendo talvez sido ,em seu tempo, a mais audaciosa e mesmo escandalosa que até ali se tinha produzido numa cena de bailados, foi por certo uma das mais ricas em consequências para a história da dança.

Em 1921 Cocteau experimenta uma nova faceta do seu génio e decide-se a tentar a coreografia, embora assistido por um coreógrafo experimentado , bem entendido. Estavam em Paris de tournée, por essa altura, os bailados de Stokolm e para esta Companhia concebe um espectáculo singular:"LES MARIÉES DE LA TOUR EIFEEL", com música de Germaine Tailleferre,Georges Auric,Arthur Honegger,Milhaud e Poulenc, e Jean Borlin, como coreógrafo assistente. O próprio Cocteau colabora também na peça, no papel de "compère", pois, tal como nas vulgares revistas, concebeu para este bailado um "compère" e uma "commère" que, escondidos atráz da cena, comentavam todavia a acção através de enormes autofalantes (não os havia a esse tempo discretos) dispostos de um e do outro lado do palco.

Apesar de sob o ponto de vista coreográfico-musical o bailado ter merecimento, e sob este ultimo aspecto atesta-no a categoria dos seus pluri-compositores, a verdade é que "LES MARIÉS DE LA TOUR EIFFEL" chocou bastante o

o público que provocou um enorme tumulto na sala (Thèatre des Champs Elysées) na noite da estreia (18 de Junho de 1921). Era no entanto Cocteau, a sua maneira de pensar, o exotismo do seu talento, a sua propensão para "fazedor" de escândalos (como lhe chamava aquela conhecida revista inglesa atraz cidada), mas a que outros chamavam, e anos depois todos vieram a chamar, o fulgurante génio e imaginação creadora de que êle foi indiscutível baluarte.

Mas não fica por aqui, evidentemente, a obra legada por Cocteau à dança contemporânea: em 1924 (20 de Junho) dá-nos "LE TRAIN BLEU", igualmente creado para Diaghilew com coreografia de Nijinska, música de Milhaud e cenografia de Pablo Picasso, com Nijinska, Lydia Sokolova, Anton Dolin e Léon Woizikowsky nos principais papeis. Trata-se de um bailado de temas desportivos, mas que, apesar da bela equipe que o assinou, não constituíu também grande êxito.

Em 1927, cria o seu último trabalho para Diaghilew - "O REI ÉDIPO" -, de colaboração com Strawinsky, a quem coube a partitura musical. É uma obra totalmente diferente dos seus anteriores trabalhos, iniciando-se num género a que mais tarde se dedicaria mais intensamente, com todo o seu entusiasmo, como adeante se irá ver.

A morte de Diaghilew (19 de Agosto de 1929) iria ter, porém, uma influência decisiva na dedicação de Cocteau pelo bailado. Se êle amava a dança, como por diversas vezes o demonstrou, Diaghilew, a quem êle amava também muito, fôra o seu estímulo, a mola impulsionadora que o levara a tomar parte tão activa nos movimentos de bailado de então. Desaparecido o grande ídolo, Cocteau interrompe transitòriamente as suas actividades para os palcos da dança.

Retomá-las-ia, porém, mais tarde, já quase nos nossos dias, embora com um fôgo mais apagado das suas extravagâncias de outrora.

Se se podem considerar duas fases distintas nas ideas base das suas concepções, diremos que emquanto que nos seus primeiros anos de trabalhos para a dança Cocteau se manifestava, por via de regra por uma preocupação em buscar personagens da vida real e contemporânea para com êles construir as suas ideas, - a dactilógrafa, o telegrafista, o acrobata, o fotógrafo, o desportista - posteriormente, e numa sua segunda fase, os seus temas debruçam-se mais para os grandes dramas da antiguidade.

É desta fase, por exemplo, o seu bailado "FEDRA" (1950) subintitulado "tragédia coreográfica de Jean Cocteau", que igualmente concebeu o

de que a sua creação cinematografica ORFEU é por certo o mais grandioso exemplo.

respectivo cenário, sob música de Georges Auric e coreografia de Lifar. Já antes, em 1927, Cocteau se sentira atraído ppr estes temas. Mas o "REI ÉDIPO" não fôra mais do que uma simples experiência, que aliás só chegou a ter repercussão como obra musical.

Em "FEDRA" Cocteau reafirmou-se de novo como um extraordinário creador de obras de bailado, mesmo sem a força que lhe dava o poder electrizante da influência mais que íntima, que sobre si exercia o incomparável Diaghilew. Êle próprio desenhou os cenários e o guarda roupa e, reportando-nos ao que os historiadores escreveram (2) o bailado valeu sobretudo pela concepção e apresentação que Cocteau lhe soube dar, e as interpretações de Tamara Toumanova e Serge Lifar que foram brilhantes, ~~também nas suas interpretações.~~

Não podemos infelizmente alargar-nos por muito mais, nem tampouco é nossa intenção darmos uma notícia completa da obra legada por Cocteau ao mundo da dança. Não quizéramos no entanto terminar estas breves notas, que, repetimos, outra coisa não pretendem ser senão um tributo que à nossa revista se impunha prestar a quem, como Cocteau, o mundo dos bailados tanto deve, sem nos referirmos, ainda que menos detalhadamente, a mais dois bailados seus que importa, pelo menos, assinalar: a "Dama e o Unicórnio", dado em "première" no teatro de ópera de Munich em 9 de Maio de 1953, com coreografia de Heinz Rosen, sobre música de Jacques Chailley (cenários e guarda roupa do próprio Cocteau) e "Le Jeune homme et la mort", apresentado no Teatro dos Campos Elíseos em 25 de Junho de 1946, sob este curioso subtítulo: "danças, cenário e guarda roupa descritos por Jean Cocteau a Roland Petit". Tendo por base uma sóbria peça de Bach ("Passacaglia e fuga em dó bemol"), este bailado, que desde a sua estreia teve logo a mais larga repercussão, serviu por seu turno ao grande bailarino Jean Babilée para lhe proporcionar ums das suas mais brilhantes interpretações, que aliás retomaria mais tarde no repertório da sua própria companhia.

Prometermos não extender-nos muito mais, e é tempo de fecharmos esta nota.

É um tributo apenas que se nos impunha prestar, ante o luto que o mundo das artes, e o do bailado em especial, acaba de sofrer com a perda irreparável que a morte de Cocteau nos deixa.

---

(2) Vd. "Dictionnaire du ballet moderne" de F. Hazan - artigo sobre "Phèdre"

O bailado perde nêle um elemento valioso. E não só, como vimos, como mero autor de libretos, já que êle participava integralmente nas obras que o seu privilegiado génio creava. Êle era bem um exemplo de que a poesia não se faz só de palavras, mas de sonhos e fantasias que as palavras inspiram e evocam.

O mundo da dança tem para com Cocteau uma dívida sagrada: prestar-lhe a homenagem a que o seu génio dá jús, recreando a sua obra e os seus trabalhos, para mostrar aos vivos que Cocteau ainda é vivo.

Haya, Novembro de 1963

C. DE PENAVENTOSA